

Ana Raquel Nunes, *A educação estética de Schiller na contemporaneidade: O uso da arte para uma educação moral*. Tese de Mestrado em Filosofia, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2014.

Orientadora: Adriana Veríssimo Serrão.

A minha tese, com o título, *A educação estética de Schiller na contemporaneidade: o uso da arte para uma educação moral* tem como propósito lembrar o filósofo alemão, Friedrich Schiller, para perceber se seria plausível aplicar os seus ideais educativos nos nossos tempos. Schiller defendia uma educação feita através da arte do belo, que pretendia atingir um ser humano moral. Logo aqui colocava-se um problema: a arte contemporânea difere em muito da arte no tempo de Schiller. E ao longo do trabalho tentei perceber se a arte de hoje e os ideais schillerianos se podiam ajustar, para serem usados como método educativo nas faixas etárias mais novas, nomeadamente as crianças. Para que esta análise fosse possível pareceu-me uma mais-valia recorrer à minha experiência pessoal, como mediadora cultural no Serviço Educativo de uma galeria de arte contemporânea.

Numa primeira parte do trabalho comecei por expor as teorias schillerianas, aprofundando os conhecimentos que o filósofo transmitiu sobre a educação pela arte nas suas cartas *Sobre a educação estética do ser humano numa série de cartas e outros textos*. Nestas cartas o autor fala sobre a sua vontade de usar a arte do belo para criar uma harmonia entre o impulso sensível e o impulso formal, dando origem ao impulso lúdico – o jogo. Este terceiro impulso iria permitir que o ser humano agisse de forma livre no seu Estado, como bom cidadão, a nível social, político e moral. Ao que o próprio chama de o Ser Humano Absoluto. Numa segunda parte abordei a temática da arte contemporânea, para tentar perceber em que pontos divergia da arte clássica do século de Schiller e se, ainda assim, seria possível ajustá-la aos ideais do filósofo. Como tal, foram analisados dois artistas: Andy Goldsworthy, um artista plástico, e Sophia de Mello Breyner Andresen, uma escritora e poetisa. Concluo o segundo capítulo com o lado prático desta educação, a minha própria experiência profissional.

Friedrich Schiller, filósofo alemão do século XVIII, sentia-se desiludido com a sua sociedade, acreditava ser urgente encontrar uma solução alternativa para curar os males que constatava. Como tal, escreveu uma série de cartas ao Duque de Augustenburg, no ano de 1793, em que expôs

os seus ideais pedagógicos. Schiller defendia que era necessário olhar para a arte como ferramenta educativa, pois só a arte iria permitir desenvolver uma harmonia essencial entre o impulso sensível, a natureza sensível e a existência física do ser humano e o impulso formal, a sua natureza interior e racional. Esta harmonia permitiria desenvolver o impulso lúdico – o jogo, um impulso não inato do ser humano, que é criado pela beleza (a arte) e tem como sua principal função neutralizar estes dois impulsos opostos. É este terceiro impulso que funciona como o mediador dos outros dois. É através do impulso lúdico que o impulso sensível e o formal passam a actuar em conjunto, sem nunca perderem a sua autonomia, ou seja, não deixam de ser dois impulsos opostos, só que desta feita actuam em equipa. Schiller tinha uma visão da arte muito ligada aos clássicos gregos, nomeadamente Platão. Quando Schiller fala de arte, refere-se à arte do belo. A arte para Schiller estava fortemente ligada à perspectiva e forma e era uma arte mais figurativa. A beleza está relacionada com o conceito lúdico schilleriano, pois ela é parte deste impulso. A beleza presente na arte vai ser o estímulo para que o indivíduo desenvolva o seu impulso lúdico, é portanto, a relação recíproca entre os dois impulsos. A arte modera assim a passagem das sensações a pensamentos, enquanto reduz o conceito de intuição e lei do pensamento, é ela que permite que o homem se liberte do sentimento e das leis. Esta harmonia criada pela beleza formará um cidadão livre, capaz de agir moralmente no seu Estado. O Estado para Schiller era a grande fonte dos problemas, e onde era necessária a solução. Para o alemão, o Estado não era apenas formado pelas instituições governamentais, mas por toda a sociedade civil, pela qual os indivíduos eram responsáveis. O colectivo do Estado seria onde os cidadãos iriam aplicar o seu impulso lúdico, a nível social, político e moral e onde se iria manifestar o Ser Humano Absoluto. É através da contemplação da arte enquanto beleza, que este cidadão será atingido, esta contemplação remete-nos também para Platão, que na sua *República* mostra a importância da visão na educação do ser humano, para que ele deixe as trevas e veja a luz, como descreve na alegoria da caverna. No entanto, Schiller recorre também a Aristóteles. O seu lado de dramaturgo dá-lhe uma importante visão no que diz respeito ao teatro e à catarse, defendendo que o teatro era importante para a purificação dos pecados, através da contemplação do castigo dos outros. O que Schiller traz de novo é isso mesmo, uma importância da educação feita através de estímulos artísticos, no entanto, não é uma mera educação intelectual ou artística, é uma educação moral, que procura fazer o bem ao colectivo social. O primeiro problema desta tese começa então a surgir. A arte que se faz hoje em dia diverge bastante da arte clássica dos tempos de Schiller, arte esta que o filósofo acreditava ser a ferramenta pedagógica ideal.

A arte dos finais do século XIX e inícios do século XX começa a distinguir-se dos seus conceitos anteriores, tentando quebrar com muitas tradições da arte clássica; no que diz respeito a perspectiva, à forma e até ao conceito de belo. Um conceito que até então tinha existido à sombra do belo, o feio, começa a ganhar adeptos no mundo dos artistas. Principalmente nas primeiras décadas do século XX surgem movimentos em que o louvor é dado às máquinas, ao abstracto, ao disforme e ao uso de objectos do quotidiano (*ready-made*), conceitos que no passado foram rejeitados pela arte e que se encaixam no que os clássicos chamariam de o feio. É a partir deste conceito de feio que se constrói a arte contemporânea. Nesta tese foi importante tentar olhar para esta arte com os olhos de Schiller, pois é aqui que reside a questão essencial; como pode a arte contemporânea ser usada tendo em conta os ideais educativos schillerianos? A resposta que primeiramente nos poderia ocorrer era simples, esta arte em nada seria valorizada por Schiller.

Todavia, a luz que ilumina a arte contemporânea é a proximidade do público, pois além de ser uma arte abstracta, disforme e que recorre à lixeira para encontrar objectos e construir obras, é uma arte que está próxima dos que olham para ela, principalmente quando falamos de uma faixa etária mais nova. Por outro lado, a arte contemporânea está também firmada em conceitos de liberdade, que em muito diferem dos do alemão. São algumas as obras que representam a violência, a sexualidade e mutilação de uma forma bastante crua e fria. Para Schiller, a liberdade não era expressar tudo aquilo que tínhamos vontade ou que nos passava pela mente, ela era parte essencial da harmonia entre os dois impulsos opostos, e feita com os limites necessários para a moralidade social.

Andy Goldsworthy é um artista britânico dos anos 80, que procura regressar à natureza. Este artista vive um fascínio intenso pela natureza, de tal modo que todas as suas obras são feitas apenas com elementos naturais e grande parte delas são expostas directamente na natureza. Por esta particularidade, Andy Goldsworthy está completamente dependente da natureza para criar as suas obras, está sujeito ao tempo, às estações e ao que a natureza lhe oferece. A sua arte é efémera, sendo registada por fotografias ou vídeos, pois vai ser a própria natureza que a vai tomar de volta. É uma arte abstracta, distante do figurativo de outros tempos, no entanto, não podemos descartar a sua validade pedagógica. A arte de Goldsworthy propaga o fascínio da natureza ao seu público, pode ser usada como um estímulo para a sua conservação e respeito e também para a harmonia humana, ou a produção de didácticas artísticas. É discutível se podemos inserir este artista no conceito de belo, no entanto, a presente tese não o tenciona fazer, talvez essa oportunidade surja mais tarde. O

conto infantil de Sophia de Melo Breyner Andresen, *A Fada Oriana*, conta a história de uma fada boa, Oriana, que vive e trata da floresta, era Oriana que deixava tudo à sua volta belo. No entanto, quando Oriana se deixa levar pela sua vaidade e egocentrismo, esquece-se de tratar da floresta e tudo à sua volta fica feio, incluindo a própria. Só quando a fada se arrepende é que toda a floresta regressa ao seu estado de belo. Os conceitos clássicos de estética e moralidade ressuscitam na contemporaneidade, e isso é visível ao longo de toda esta obra. Este conto está bastante mais próximo de Schiller e o curioso é que, de facto, já é usado como ferramenta pedagógica nas escolas portuguesas e por esse mesmo motivo, é tantas vezes representado em cena, algo que também deixaria Schiller satisfeito.

Os dois exemplos estudados e aprofundados na tese começam a desvendar aquilo que foi sendo alcançado ao longo de cada etapa, que a arte contemporânea seria produtiva para a educação das crianças, segundo os padrões de Schiller. O teor prático desta tese pretendia provar isso. Hoje em dia, existem algumas instituições e educadores interessados em usar a arte como ferramenta pedagógica, seja ela arte clássica ou contemporânea. A minha experiência prática e de observação assentam sobre a arte contemporânea e é precisamente com essa experiência que gostaria de confirmar o que conclui com a tese.

Os mediadores culturais são os agentes privilegiados, pois são o elo de ligação entre o público e a arte e no que diz respeito às crianças, têm um papel indispensável. É o mediador que faz a ponte, cria a harmonia entre o público e a arte. Com esta função é possível observar as reacções das crianças às obras de arte, perceber a sua facilidade de associar o que estão a ver com a sua própria realidade, de conseguirem entender as técnicas e de expressarem o que sentem ao encarar a obra. É interessante observar as questões filosóficas e humanas que uma obra de arte pode promover numa criança. Todavia, as intenções do artista fazem também parte desta pedagogia que se vive num museu, o mediador tem então a função de as revelar, mas com o cuidado de não aniquilar a opinião do seu público. O jogo é, também, harmonizar a opinião do público com a intenção do artista. E a didáctica é enriquecida com actividades que proporcionem às crianças a oportunidade de se expressarem humana e artisticamente sobre o que viram, por imitação ou representação. Schiller está presente a toda a hora, intencional ou inconscientemente.

Apesar deste olhar schilleriano que me acompanhou ao longo desta etapa e principalmente um olhar que incidiu sobre a arte contemporânea, é possível constatar que faz todo o sentido usar a arte como componente educativa. No entanto nem toda a arte contemporânea pode ser usada

para esta educação moral que Schiller fala, talvez tenhamos que recusar conteúdos mais violentos, principalmente quando o grupo que pretendemos educar são crianças. Não está em causa do seu valor artístico, apenas a sua componente educativa. A riqueza educativa da arte contemporânea reside, então, na sua proximidade do público. A arte de hoje pode ser usada para cumprir os propósitos de Schiller, desenvolver o impulso lúdico e o ser humano absoluto. Talvez fique ainda muito mais por dizer e desenvolver, quem sabe para uma próxima oportunidade não possam ser aprofundados alguns temas adjacentes a este como: se o conceito de belo está presente na arte contemporânea, ou se a arte contemporânea é de facto uma arte emancipada, ou ainda a necessidade de a educação se debruçar mais a nível de quantidade e qualidade nas componentes artísticas. Por agora, lembramos Schiller, a olhar para uma arte que tem os seus alicerces no quotidiano de todos nós e que por isso mesmo, pode ser usada como ferramenta para alcançar um ser humano capaz de agir moralmente no seu Estado.